



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

KATIANA COELHO DA SILVA

**MULHER E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM ESTUDO DA COMUNIDADE
RIBEIRÃO GRANDE PEDRO ISAIAS II**

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

KATIANA COELHO DA SILVA

**MULHER E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM ESTUDO DA COMUNIDADE
RIBEIRÃO GRANDE PEDRO ISAIAS II**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob orientação da Professora Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida

TOCANTINÓPOLIS – TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586m Silva, Katiana Coelho da.
Mulher e Violência Doméstica: Um Estudo da Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. / Katiana Coelho da Silva. – Tocantinópolis, TO, 2018.
37 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientadora : Rejane Cleide Medeiros de Almeida

1. Violência doméstica. 2. Mulheres. 3. Comunidade. 4. Memórias. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KATIANA COELHO DA SILVA

Mulher e Violência Doméstica: Um Estudo da Comunidade Ribeirão Grande Pedro
Isaías II

Monografia apresentada à UFT-
Universidade Federal Tocantins -
Campus Universitário de Tocantinópolis
para obtenção do título de licenciado em
Educação do campo: habilitação em
Artes e Música, sob a orientação do
Professor Dr^a Rejane Medeiros.

Data de Aprovação 03/12/2018

Banca Examinadora:

Rejane Elcida Medeiros de Almeida

Prof^a. Dr^a Rejane Medeiros.

Gilvânia Ferreira da Silva

Prof^a. Ms Gilvânia Ferreira da Silva- Uema Sul.

Judite da Rocha

Prof^a. Ms Judite da Rocha- Uft.

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por ele ter me dado forças, sabedoria nas horas que, mas tive angústias e algumas decepções. E, a todos da minha família, às professoras e professores que sempre tiveram presentes nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar sempre nos meus momentos mais difíceis que passei durante minha caminhada no curso, na qual onde tive muitas dificuldades. À minha mãe Maria do Espírito Santo Coelho da Silva e ao meu pai Pedro Coelho Nonato Neto, que sempre estiveram ao meu lado e que nunca me deixaram desistir, eles me deram forças, conselhos nas horas que mais precisei.

Um profundo agradecimento a minha orientadora Rejane Medeiros pela sua compreensão, paciência e que sempre esteve presente quando, mas tive dúvidas, me passou segurança para que eu pudesse finalizar esse trabalho, no qual tenho um imenso carinho a ela, jamais vou esquecer o que ela fez por mim durante essa grande caminhada. E agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, onde todos me deram muito apoio dentro e fora da sala de aula, sempre serei grata a cada um deles, adquiri novos conhecimentos e aprendi muito com cada um.

E a minha família, amigos e colegas (os) que me apoiaram e me incentivaram para a chegar a essa conquista, e a todos que acreditaram no meu potencial. Tinham algumas pessoas que não acreditavam que eu ia terminar esse curso, por causa que enfrentei muitas barreiras para chegar até onde eu cheguei, foram alguns anos que chorei, sorri, fiz novas amizades só tenho que agradecer todas as minhas colegas (os) de sala de aula porque cada uma dessas pessoas vou levar para o resto da vida. Turma Rejane Medeiros vai ficar na história, visto que essa turma, fez com que eu aprendesse muito, turma que lutava para vencer os obstáculos, aqui meus agradecimentos a todas e todos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os tipos de violência doméstica sofrida pelas mulheres da Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. A questão da pesquisa foi: Se as mulheres da Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II sofrem violência doméstica e quais tipos de violência. Como objetivo geral busquei identificar e refletir sobre a violência doméstica sofrida pelas mulheres da Comunidade Pedro Isaias II. A pesquisa foi qualitativa e foram realizadas com dez (10) mulheres da comunidade Ribeirão Grande, Pedro Isaias II. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Quanto às análises dos resultados ocorreram a partir dos autores (as) que discutem o tema, como Safiotti, Scoth. Destaco, que tive dificuldades para localizar o histórico da comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. Nesse caso para apanhar os dados da realidade foi preciso procurar e realizar entrevistas com alguns moradores mais antigos da comunidade, assim como de Tocantinópolis, para que eu tivesse o histórico do povoado. Os resultados da pesquisa apontaram que as mulheres do povoado estudado sofrem, variados tipos de violência, física, psicológica, emocional, patrimonial. Estas não têm acesso ao atendimento, por morar distante das instituições de defesa da mulher. Assim como, muitas vezes não denunciam os agressores por medo de serem mortas, insegurança de ficar sem seu lar e por proteger seus filhos/as do abandono da família, já que consideram que fazem tudo para ficar em família. Entretanto, algumas mulheres já buscam, mudanças em suas vidas, se separando dos seus companheiros e os denunciando. Mesmo que seja uma tarefa difícil, é urgente, afirmam elas.

Palavras-chaves: Violência doméstica. Mulheres. Comunidade. Memórias.

ABSTRACT

This study aims to investigate the types of domestic violence suffered by the women of the Ribeirão Grande Pedro Isaias II community. The question of the research was: If the women of the Ribeirão Grande Pedro Isaias II community suffer domestic violence and what types of violence. As a general objective, I sought to identify and reflect on the domestic violence suffered by the women of the Pedro Isaias II Community. The research was qualitative and were performed with ten (10) women from the Ribeirão Grande community, Pedro Isaias II. The interviews were recorded and then transcribed. As for the analyzes of the results, they occurred from the authors who discuss the theme, such as Safiotti, Scoth. I point out that I had difficulty locating the history of the Ribeirão Grande Pedro Isaias II community. In this case to collect the data of the reality it was necessary to look for and to carry out interviews with some older residents of the community, as well as of Tocantinópolis, so that I had the history of the town. The results of the research showed that the women of the studied village suffer, varied types of violence, physical, psychological, emotional, patrimonial. They do not have access to care, because they live far from women's defense institutions. As they often do not report the perpetrators for fear of being killed, insecurity of being left without their home and for protecting their children from abandonment of the family, since they consider that they do everything to stay in the family. However, some women are already looking for, changes in their lives, separating from their companions and denouncing them. Even if it is a difficult task, it is urgent, they say.

Key-words: Domestic violence. Women. Community. Memoirs.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura01: Mapa do Bico do Papagaio.....	15
Figuras 02, 03: Memórias Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias.....	18
Figuras 04, 05: Memórias Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias.....	19
Figuras 06, 07: Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II, hoje (2018).....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	12
3 MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA DA COMUNIDADE RIBEIRÃO GRANDE PEDRO ISAÍAS II.....	14
4 VIOLÊNCIA, PODER E GÊNERO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O OBJETO DE ESTUDO.....	20
4.1 Gênero e patriarcado.....	23
4.2 Mulher e violência: Lei Maria da Penha.....	24
5 HISTÓRIAS DE VIDA: MEMÓRIAS DE DRAMAS E VIOLÊNCIAS.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa é sobre Mulher e violência doméstica na Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. A escolha do tema, foi por ser uma questão recorrente de violência e violação dos direitos das mulheres, que vem acontecendo com muita frequência em nossa sociedade, basta vermos os dados de quantas mulheres são mortas e sofrem violências. Esse é um problema que tem que ser revisto por causa das consequências psicológicas que as mulheres sofrem. As mesmas vêm sofrendo essa violência desde a antiguidade, pois o medo ainda continua sendo um dos principais fatores que leva muitas mulheres a não realizarem denúncias por agressões, pois muitas vezes não são acolhidas depois da denúncia. Isso ocorre por falta de informações, como também, faltam políticas públicas para quantificar este tipo de crime. A violência também acontece muito por causa de ciúmes, dos seus companheiros que em virtude disso cometem violência a mulher. Na qual a mesma agredida não tem como se defender na hora da agressão, por muitas vezes o agressor se arrepende e chega até pedir desculpas a sua mulher, mas na maioria das vezes o agressor nem se quer se importa com o que ele fez durante a agressão.

Temos hoje a lei Maria da Penha que estabelece o direito de defender as mulheres que sofrem abusos e violência, mas não adianta ter a lei, é preciso que tenhamos políticas públicas para acolher e dar a elas apoio para que tenham coragem para fazer as denúncias, porque muitas vezes as mulheres do campo têm vergonha ou medo de denunciar o agressor que a violentou, usando a violência de várias formas.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa teve como questão: As mulheres da Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II sofrem violência doméstica? Se sofrem, quais tipos de violência? Como objetivo geral busquei identificar e refletir sobre os tipos de violência doméstica sofrida pelas mulheres da Comunidade Pedro Isaias II. A pesquisa foi qualitativa e foram realizadas entrevistas com 10 mulheres da comunidade Ribeirão Grande, Pedro Isaias II, tendo como ser moradora da comunidade. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Quanto às análises dos resultados ocorreram a partir dos autores (as) que discutem o tema.

Destaco que em relação ao depoimento, quem decide o que deve ser contado é a atora, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pela mesma. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o 'dizível' da sua história, da sua subjetividade e os percursos da sua vida. (SOUZA, 2006, p. 29).

Por ser moradora da comunidade tive acesso para realizar as entrevistas, apesar de ter encontrado dificuldades para localizar o histórico da comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. Nesse caso para apanhar os dados da realidade foi preciso procurar alguns moradores mais antigos da região, para que eu tivesse o histórico do povoado. Entretanto, as dificuldades continuaram, foi quando decidi ir a prefeitura, entendendo que pudessem ter alguns documentos do povoado. Ao chegar, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura a funcionária me explicou que não havia registros da história da comunidade, mas que talvez eu acharia na secretaria da igreja Catedral, porque eles costumam ter. A senhora, ressaltou ainda que, a única história que tinha na Secretaria Municipal de Educação era sobre a Escola Municipal São Sebastião e o período em que foi construída.

Em razão desta resposta fui à secretaria da igreja Catedral, ao chegar também, expliquei que estava à procura de documentos sobre a história da comunidade. Fui atendida pelo Padre Geraldo, que me justificou que nem a igreja São Sebastião tinha documentos sobre sua história, e que talvez os povos mais velhos da comunidade poderiam saber pelo menos um pouco como surgiu a própria igreja na comunidade.

Eu me deparei com dificuldades, pensei que seria bem mais fácil, mas me enganei, visto que a maioria das minhas entrevistadas eram bem tímidas, algumas até ficaram com medo de falar sobre o assunto. Fui à casa de uma entrevistada duas vezes para conseguir a

entrevista, quando cheguei, seu marido estava presente e ela não se sentiu à vontade para falarmos, pediu para eu ir outro dia, porque não se sentia bem.

Uma das dificuldades apresentadas na pesquisa foi ir à casa das mulheres que pretendia entrevistar, porque as mesmas ficaram todas sem jeito, tímidas ou até mesmo inseguras do que vão dizer naquele momento da entrevista. Expliquei o motivo das minhas entrevistas, pois ficavam com medo de sair o nome delas na entrevista, que deram. Deixei bem claro que o nome delas não iriam aparecer e ninguém iria saber de quem era a entrevista. Outro momento importante da pesquisa foi quando cheguei a casa de uma mulher que eu queria entrevistar, mas ela deu muitas desculpas que não sabia como ia responder as perguntas. Foram muitas desculpas para não falar sobre o tema, pensei até em desistir porque estava difícil de fazer entrevistas com as mulheres da comunidade do Ribeirão Grande Pedro Isaias II.

O que me levou a continuar com a pesquisa sobre o tema foi algumas entrevistadas ao final da conversa ter compreendido que abordar o tema seria relevante para publicizar sobre a violência sofrida. Nesse sentido, uma das entrevistadas se sentiu à vontade para falar sobre a violência sofrida. Destacou, *“não foi a violência física e sim a verbal, que sofri, pois casal tem discussões e brigas” (Entrevistada 2).*

Os resultados da pesquisa apontaram que as mulheres do povoado estudado sofrem, variados tipos de violência, física, psicológica, emocional, patrimonial. Estas não têm acesso ao atendimento, por morar distante das instituições de defesa da mulher. Assim como, muitas vezes não denunciam os agressores por medo de serem mortas, insegurança de ficar sem seu lar e por proteger seus filhos/as do abandono da família, já que consideram que fazem tudo para ficar em família. Entretanto, algumas mulheres já buscam, mudanças em suas vidas, se separando dos seus companheiros e os denunciando. Mesmo que seja uma tarefa difícil, é urgente, afirmam elas.

A exposição da pesquisa foi organizada em três capítulos. Sendo o primeiro a história da comunidade, onde é o ambiente, o território no qual ocorre as tramas e os enredos das memórias e história de vidas das mulheres da Comunidade. Na segunda seção apresento os fundamentos da teoria de gênero e os elementos constitutivos do debate sobre a mulher. Na parte final tratarei sobre a lei Maria da Penha. Seguindo a exposição da pesquisa, trago as entrevistas com as análises, na perspectiva da teoria estudada. E, finalizando, apresento as considerações finais sobre o resultado da pesquisa.

A seguir trago a história da comunidade, a partir da memória dos moradores, ou seja, uma construção de narrativas dos mais antigos moradores e moradoras.

3 MEMÓRIAS E HISTÓRIA DE VIDAS DA COMUNIDADE RIBEIRÃO GRANDE PEDRO ISAIAS II

O objetivo deste capítulo é situar o ambiente onde ocorreu a pesquisa. Apresentar a história da comunidade e a pesquisa da memória dos moradores e moradoras que relatam a chegada das famílias ao território¹.

Tocantinópolis conta com uma população estimada em 23.119 habitantes (IBGE, 2017), localizado no Bico do Papagaio (TO). O bico é composto por 25 municípios², possui uma população de 196.389 habitantes, dos quais 66.533 vivem na área rural, o que corresponde a 33,88% do total. Possui 7.201 agricultores familiares, 5.732 famílias assentadas e terras indígenas da etnia Apinajé. Seu IDH médio é 0,62. O povoado de Ribeirão Grande Pedro Isaias II está localizado no município de Tocantinópolis, zona rural, com população total de 4.301 habitantes, para toda a zona rural. (IGBE, 2018).

¹ Território é construído a partir do espaço geográfico, ou o espaço é anterior ao território (FERNANDES Apud RAFFESTIN, 1993, p. 144). As transformações do espaço acontecem pelas relações sociais no processo de produção do espaço. Os objetos naturais ou elementos naturais também transformam o espaço, mas são as relações sociais que impactam o espaço com maior intensidade. A formação de territórios é sempre um processo de fragmentação do espaço. Os seres necessitam construir seus espaços e territórios para garantirem suas existências (FERNANDES Apud GOTTMANN, 1973, p. 1 - 15). Espaço e Território são categorias geográficas e são indiferentes, pois a diferença está na definição de Espaço e Território (FERNANDES Apud SANTOS, 2004, p. 34).

² Cidades que compõem a microrregião do Bico do Papagaio – Tocantins: Arguianópolis, Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Mosquito, Nazaré, Praia Norte, Riachinho, Sampaio, Santa Terezinha do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins, Tocantinópolis. IBGE, 2010. In: <http://sit.mda.gov.br>. Acesso 23 de Maio de 2016.

Figura 01: Mapa do Bico do Papagaio



Fonte: seplan.to.gov.br. Acesso em 10/02/2019

Após fazer uma breve situação da localização geográfica da pesquisa, buscaremos apresentar a história da comunidade. Primeiro destaco as dificuldades que encontrei sobre a história do Povoado Ribeirão Grande Pedro Isaias II. Para desenvolver tal atividade me trouxe a certeza de que era necessário registrá-la a partir da história oral dos moradores mais antigos, uma vez que não existe escritos sobre a mesma, o que me conduziu a sistematizar a história a partir dos relatos das moradoras e dos moradores mais antigos da comunidade. Nesse sentido, segue através de uma descrição, a história e memória da comunidade.

Uma moradora relatou sobre a história da comunidade a partir da sua própria história de vida. Destacou que: “*Ali do outro lado* [se refere onde está localizado a igreja hoje], *eu*

lembro que não era pasto, era só mato e tinha um povoadinho das pessoas ali do lado, é lá onde tá sendo a igreja hoje. Ali onde era o salão, era a escola, a primeira casa que foi construída de tijolo foi a escola dos padres e o seminário, no meu entendimento, e as outras foram de palha, barro e de paredes”.

Se refere a casa do pai destacando que não era construída de tijolo, e sim de taípe, palha e barro. *Lá onde avó Olivia morava e o avô Isaias tinha um curralzão, mas bonito e tinha um pátio lindo lá na frente, onde o Milton e o tio Celso moravam. E bem em frente era um matagal e o vô Isaias e os primeiros moradores eram os pais do avô Isaias.*

Segundo a moradora, o nome Pedro Isaias foi dado por causa do pai de Isaias, que começaram a chamar o pai de Pedro Isaias.

A moradora, destaca que a diferença era que o Ribeirão Grande era bastante grande e hoje tem outro tamanho e volume, está mais pequeno e estreito. Se parece uma gruta.

Eram os povos, mas antigos que moravam aqui, quando eu me entendi de gente, era avó Olivia, Tio Celson, compadre Antônio, Milton, Tio Salomão e Tio Nonato, moravam em frente ao Tio Celson do pai pra cá. Tinha o finado Valadar, e depois era um povoadinho. Antigamente, tinha pouco morador nessa época, cerca de aproximadamente vinte pessoas que moravam nessa época. A primeira escola que eu comecei a estudar foi lá na casa do Antônio Graça e a primeira professora que começou a dar aula foi a mulher do Antônio Graça a dona Bezin. Depois de um tempo ela se separou dele. Depois estudei lá no salão onde ali tá sendo a igreja e a minha professora se chamava Maria Luiza, ela morava no Brejão, e depois de um tempo eu sai da escola, não estudei mas. A Beatriz e a Zuleide também foram minhas primeiras professoras. Lá chamava escola do padre, depois que começou a ser chamada Escola Municipal São Sebastião. **(Entrevistas 2, Moradora, 84 anos).**

A moradora continua contando a história da comunidade como se estivesse revivendo os tempos em que tudo começou, narrando a história do seu território e de seus atores sociais. Destaca que, Salomão Nonato, era o local no qual o padre celebrava a missa. Ele convidava a comunidade do Ribeirão Grande, no sábado e no domingo ele vinha para celebrar a missa. Outras vezes, ele vinha no sábado de noite, dormia na comunidade e pela manhã celebrava a missa. O tio Salomão saia convidando o povo todo e nós ia para missa. Salomão Nonato ficou nessa luta muitos anos.

Em relação a igreja, destaca a entrevistada: foi construída por um político na época. Isso porque,

Tinha uma veinha, chamada veia Manela do veio Atanásio. Ela tinha muita devoção com São Sebastião, tinha o festejo dela todos os anos, todo mundo ia rezar na casa dela, tinha café com bolo e tudo e quanto. Seu Cornélio, o padre, chegou para cá e conheceu a veia Manela com esse movimento desse festejo de São Sebastião, a veinha morreu. Dom Cornélio foi e colocou o santinho dela como padroeiro do Ribeirão Grande, e construiu a igreja, que era terra dos padres e bispos. Depois que Dom Cornélio morreu, daí os outros padres mudaram a igreja de lugar que hoje

fica na beira da estrada, ficou melhor para o povo ir, porque antigamente tinha muito inverno e muita lama para nós ir na igreja. Lá dentro das terras dos padres e bispos, foi construída nossa igreja. Isso é coisa antiga, toda vida aqui era dos antigos, os meus avós e bisavós morreram tudo, aí ficou essa parte aqui, Pedro Isaias que é meu irmão. **(Entrevistas 2, Moradora, 84anos).**

Naquela, época, usava cabaça para ir buscar água, porque naquele tempo não tinha água encanada, e cerrava cuia para lavar carne e arroz. Para cozinhar tudo era no fogão de lenha, porque antigamente, ninguém não tinha outro tipo de fogão, ninguém sabia se existia. A história que eu sei que isso aqui antigamente veio do meu bisavô, que era pai da minha avó, depois meus bisavôs morreram. Daqui do Pedro Isaias até no Pedro Bento era dos nossos antigos bisavôs e nossa ponte antiga não é isso que nós temos hoje, porque essa aqui foi construída bem depois. A ponte foi construída só para passar carga, montava nos cavalos levando as cargas para vender lá na boa Vista do Padre João, porque o mercado antigamente se vendesse esse vasculho de roça era lá para beira do rio, lá adiante da igreja católica que hoje virou outras coisas que nem sei o que é, acabou. Pedro Isaias é porque ele é filho do meu pai Isaias, para lá é balneário Pedro Isaias. Meu pai era Isaias que era o dono de tudo isso aqui, ficou esse pedacinho naquela época ninguém dividiu nada, depois que o Zé Santana morreu o povo começou a invadir a lagoa do mato, aí começou os ladrões de madeira com os caminhões, porque uma velha da roça ninguém respeita, marido morreu era os caminhões entrando na lagoa do mato onde ele é a chapadinha. **(Entrevistada 3, 54 anos).**

Em relação a Escola Municipal São Sebastião a entrevistada falou que foi criada sob uma Lei nº 588 de 21 de novembro de 1984, na qual ela atende as necessidades educacionais da Comunidade do Povoado Pedro Isaias. A escola foi nomeada em homenagem ao padroeiro do povoado em que está situada. Nesse período as atividades eram realizadas em um prédio cedido pelos padres no povoado. E no ano de 1993 iniciaram-se as atividades no prédio sob direção da Senhora Cícera Pereira Nonato, funcionando no turno matutino com turmas multiseriadas de 1º a 4º série do Ensino Fundamental. Em 2004, a professora Valdete Barroso da Silva reassumiu as atividades e a escola passou a contar com 12 funcionários (06 professores, 02 zeladores, 02 merendeiras, 01 auxiliares de serviços gerais e 01 diretora). Em agosto de 2005, quem assume a direção e permanece até o momento é a professora Vagna Ribeiro de Araújo.

A entrevistada comentou sobre o fechamento da Escola São Sebastião. Em minha opinião, adverte, foi questão política e pessoal entre as duas Comunidades Pedro Isaias e Povoado Chapadinha. Primeiro, porque a escola foi construída dentro de uma terra emprestada pelo senhor Pedro Isaias, onde ele não legalizou o documento da terra da escola e havia sempre esta questão para o reconhecimento da escola. A ex-diretora da chapadinha na época querendo fazer política, incentivou o prefeito a construir na chapadinha onde podia ser legalizada e foi o que aconteceu. Um destaque para este fato, relata a entrevistada, era que as pessoas da comunidade não simpatizavam com a ex-diretora da unidade e acabou não levando os alunos para a escola da chapadinha, preferiram levar para as escolas da zona urbana, visto

que, tinha ônibus escolar. Em função do ocorrido o número de alunos era pouco e a qualidade do trabalho também não era satisfatória, levando a um fechamento da Instituição. **(Entrevistada 1, 49 anos).**

Outra entrevistada, relatou, que a escola Municipal São Sebastião fechou por motivo de transferência da escola Pedro Isaias, no qual ela foi mudada para o povoado Chapadinha, porque essa escola foi construída no local de risco, e também por causa que o terreno não era da prefeitura, era propriedade privada. Um dos motivos do fechamento, destaca a entrevistada, foi o risco que as crianças corriam ao estudar na escola, pois os pais que decidiram colocar seus filhos para estudar nessa escola da comunidade ao passar dos anos, viram que aquele espaço que estava feito a escola era uma área de risco para seus filhos, por causa do ribeirão que ficava perto da escola. Alguns pais decidiram tirar seus filhos para colocarem na escola da cidade e ao fechar antes a escola ela foi transferida para outra comunidade que era chamada chapadinha.

O local onde está localizada a escola, foi por causa de uma moradora que mora lá, ela lutou para que o prefeito fizesse uma escola, quando foi feita alguns alunos foram estudar, mas ficou muito complicado por causa que tinha muitas crianças pequenas na comunidade para se deslocar para a escola, sendo que, tinha o ônibus para levar as crianças para escola. O povoado Chapadinha tinha muitas crianças sendo que algumas eram indígenas, mas com o tempo ela também foi fechada.

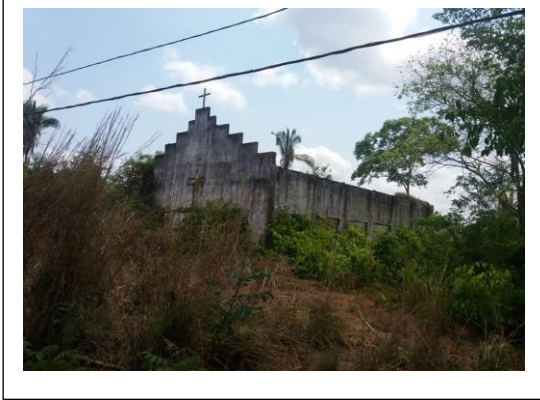
Abaixo as fotos da comunidade desde sua fundação até os dias de hoje:

Figuras: 02, 03: memórias Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias.



Fonte: Katiana, 2018

Figuras: 04, 05: memórias Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias.



Fonte: Katiana, 2018.

Figuras: 06, 07: Comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II, hoje (2018).



Fonte: Katiana, 2018.

4 VIOLÊNCIA, PODER E GÊNERO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O OBJETO DE ESTUDO.

O objetivo do capítulo é realizar a discussão teórica sobre o objeto de estudo, qual seja, violência doméstica, atravessada pelas questões de poder e gênero. E a postura aqui assumida consiste em considerar sexo e gênero uma unidade, pois sabemos que não existe sexualidade biológica independente, compreendendo a sensibilidade, a inteligência e o desejo. A unidade do sexo gênero é de certo modo o que separa dois conceitos, o sexo e gênero, mesmo sabendo que o gênero não tinha apropriado, Saffioti (2006), destaca o livre emprego simultâneos dos dois conceitos.

Segundo Saffioti, dentro do patriarcado tem dois grandes significados “o sistema de sexo/ gênero que aponta para a não inevitabilidade da opressão e para a construção social das relações que criam este ordenamento” (SAFFIOTI,2015, p.115). Ainda em relação ao conceito de sexo e gênero, a autora apresenta os estudos de Rubin.

Rubin precisou separar as duas dimensões subsumidas no conceito de patriarcado: sexo e o gênero. Embora o qualitativo neutro, usado para gênero, não tenha sido apropriado, ela abriu caminho, com ele, para admitir, ao menos teoricamente, uma alternativa, a dominação masculina, ou seja, ao patriarcado” (SAFFIOTI, 2015, apud, RUBIN, p.116).

E a questão de gênero na relação conjugal, ainda está sendo bem mais forte, com a influência da cultura machista. “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos.” (SAFFIOTI, 2001, p.115). Desta forma, os homens com o uso do poder patriarcal têm o domínio de determinar a condutas das mulheres, crianças e adolescentes, e se não cumprirem as normas de condutas sociais, podem sofrer punições, para que seja feita a execução do projeto de dominação-exploração, a categoria social homens tem o auxílio da violência.

Diferentemente dos homens, as mulheres, como categoria social não tem um projeto de dominação-exploração dos homens. Muitas vezes “a ordem patriarcal de gênero, rigorosamente, prescinde mesmo de sua presença física para funcionar”, (SAFFIOTI, 2001, p.116), ou seja, por meio da ordem do patriarca os seus subalternos desempenham o papel de manter a ordem, dependendo do quão grave seja o descumprimento das normas, os mesmos podem usar da violência física com aprovação do seu superior.

De acordo com Saffiot (2001), cabe chamar atenção de fato para a violência praticada diretamente pelo patriarca, pois podem recair sobre outros homens. Podendo também as mulheres praticar violências contra pessoas do mesmo sexo ou de opostos. Vale ressaltar que o patriarca com todo o seu poder, conta com apoios que asseguram e garantem seus privilégios.

O uso do conceito de dominação-exploração e vice-versa se faz devido à sujeição de uma categoria social com suas duas dimensões, a de dominação e a de exploração. De acordo com o pensamento da autora dominação e a exploração não se diferencia, ambas têm um mesmo processo com dimensões diferentes complementares. A dominação acontece como uma violência simbólica, pois impregna nas categorias sociais dominadas, sistemas cognitivos, que faz com que todos atuem de uma determinada forma. Neste sentido, as mulheres também contribuem para a violência de gênero, pois as mesmas não consentem para a realização do projeto dominação-exploração das mulheres, contudo a do poder masculino é sustentado em bases sociais que os fazem fortes e transformam em objetivos, em senso comum. Importante destacar que nem todo conhecimento é determinado pelas lentes do gênero, por este motivo as mulheres podem lutar pela resistência de dominação-exploração.

Contudo, a autora traz um estudo que mostra que não é fácil para as mulheres que sofrem violências romperem esta dominação, principalmente quando está relacionado à violência doméstica, pois as mulheres não conseguem se libertar dos laços amorosos sem intervenção externa. Em outros casos, os homens usam de violência leves, ou que não deixe marcas no corpo, contando também com testemunhas familiares, pois nestes casos não podem provar se houve ou não agressões físicas ou simbólicas, tendo em vista que as testemunhas fazem parte da família, pode ter laços afetivos que comprometam o julgamento. Desta e de outras formas, a grande maioria dos agressores masculinos saem ilesos de seus crimes, cometendo assim, a dominação-exploração.

“Na posição vitimista não há espaço para se resigunificarem as relações de poder. Isto revela um conceito rígido de gênero. [...]. A postura vitimista é também essencialista, uma vez que *gênero é o destino*”. (SAFFIOTI, 2001, p.125), desta forma, não há um espaço para o essencialíssimo, seja biológico ou social. A autora ressalta que a categoria histórica “gênero”, não é flexível, mais não é por não ser flexível que o ser humano não possa ter liberdade de escolher e descrever sua trajetória, sempre haverá espaço para liberdade de escolha.

Ao decorrer da história da humanidade, as mulheres sempre se opuseram ao domínio patriarcal de gênero. Se o caráter primordial do gênero molda subjetividades; se o gênero se situa aquém da consciência; se as mulheres desfrutam

de parcelas irrisórias de poder face às detidas pelos homens; se as mulheres são portadoras de uma consciência de dominadas, torna-se difícil, se não impossível, pensar estas criaturas como cúmplices de seus agressores. (SAFFIOT, 2001, p.126).

Assim, podemos perceber que as mulheres nunca foram a favor do poder patriarcal, e nem cúmplices de seus agressores, que colocou como socialmente iguais a categoria de sexo, no qual as “relações são atravessadas pelo poder”, em seus textos a figura de mulher é vista como passiva, como cúmplices dos agressores, tornando culpada pelas agressões sofridas. Esta visão fez surgir várias críticas, que de certa forma fez surgir novos estudos.

Segundo Saffioti (2001), não podemos negar que haja uma perspectiva feminina construída ao longo das lutas das mulheres por uma sociedade mais justa, na perspectiva feminista torna o gênero como categoria histórica, substantiva, categoria analítica e adjetiva, não existindo um modelo de análise feminista. Desta forma, existe apenas um consenso sobre o conceito de gênero que é uma modelagem social, não referida apenas ao sexo. Há feministas que trabalham com o conceito de sexo/gênero outras com as diferenças sexuais para explicar o gênero, que utiliza o essencialismo biológico, outras o essencialismo social.

Em relação ao caráter ideológico feminino, Saffiot (Apud SOARES, 2001), diz que discutir este assunto é como voltar algumas décadas, ou mudar para um tempo diferente que ainda acreditasse na ciência neutra, sendo que se as abordagens femininas são ideológicas para esta autora, a ciência dos homens é neutra, no entanto nas ciências naturais não acredita nesta ideia. Aqui o modelo feminista é visto de forma negativa, pois considera a ordem de gênero como responsável pela violência de gênero, só que isto não é exclusivamente verdade, pois para Saffioti, (2001), Soares trouxe esta problemática dos Estados Unidos no qual teve contato, e sua interpretação não foi como as das estudiosas feministas que já está há muito tempo trabalhando com esta realidade.

Na crítica ao modelo feminista, refere-se à violência de gênero, não se limitando apenas pelas relações de gênero, mais a outras variáveis, status, aceitação da violência, estresse, entre outras variáveis. Para Saffiot (2001), não podemos julgar as violências de gênero baseadas nestes critérios, pois gênero não é considerado uma variável. Neste sentido, o status socioeconômico não é uma variável, já o estresse é uma variável que indica outros fenômenos, pois nas situações de violência, ele age como início de um fenômeno, não como uma causa. E a aceitação da violência, é visto como sem fundamentos, que foi colocado pela sociedade machista. (SAFFIOTI, 2001).

Por mais que a violência de gênero se inicie em uma situação complexa, que possui vários fenômenos, eles não são da mesma natureza e não apresentam a mesma capacidade de

determinação, assim chama-se atenção, para o risco da homogeneização, da mistura de uma realidade diferenciada. Visando que a uniformização do real constitui a meta dos que atribuem importância às determinações gerais e comuns, as históricas foram a preocupação dos que queriam uma realidade constantemente em transformação.

Assim Saffiot (2001) afirma que:

“Se é verdade que a ordem patriarcal de gênero não opera sozinha, é também verdade que ela constitui o caldo de cultura no qual tem lugar a violência de gênero, argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres.”. (SAFFIOT, 2001, p.133)

Segundo a autora, a violência de gênero, violência contra mulheres, violência doméstica e violência intrafamiliar, devem permanecer separadas, pois mesmo que os últimos tipos de violência possa ser violência de gênero, já que este não envolve apenas violência entre homens e mulheres, mais também de adultos contra crianças e adolescentes, neste caso as relações gênero, servem para antecipar quem é o agressor e as vítimas de uma situação de violência. A violência contra mulher refere-se a todas as mulheres independentemente da idade, e a violência doméstica é chamada desta forma por não saber de imediato quem foi o agente agressor e quem foi a vítima, que pode ser mulher ou homem, e acontece no ambiente familiar, em casa. Sendo que se houver algum tipo de violência doméstica, o Estado não pode intervir sem permissão, pelo ambiente doméstico ser um espaço privado. Por último a violência intrafamiliar, refere-se à violência sofrida por pessoas que possui o mesmo parentesco sanguíneo.

Portanto, Saffiot (2001), analisa as relações de gênero no conjunto das relações sociais que aborda a violência de gênero de forma geral, como fenômenos das relações interpessoais, como se elas existissem fora da estrutura social. Entretanto, a autora afirma que nenhuma relação social acontece fora da estrutura social, pois elas obedecem às normas que sustentam a sociedade. E que não pode separar as relações interpessoais e estruturais, caso isso aconteça, pode perder a visão de sociedade como totalidade.

4.1 Gênero e poder

O empoderamento individual, tornando as mulheres, mas mulheres álibi de acordo com o que o seu poder aumenta, o ambiente se torna mais desfavorável. E uma relação de consentimento só ocorre quando as duas partes concordam em uma única decisão.). As mulheres não são discriminadas por ser mulheres, e sim porque são trabalhadoras assalariadas. Não existem somente discriminação quantitativas, e sim também a discriminação

qualitativa, a mulher não é discriminada por ser negra, é um conjunto de relações sociais. E quando as mulheres não conseguem uma situação proeminente a grandes responsabilidades são delas.

“As classes sociais têm uma história muito mais curta que o gênero, desta forma, as classes sociais são, desde sua gênese, um fenômeno engendrado. Por sua vez, uma série de transformações de gênero são introduzidas pela emergência das classes. Para amarrar melhor esta questão precisa-se juntar o racismo”. (SAFFIOTI, 2015, p,122).

Costuma-se afirmar que a questão de gênero tem vários argumentos da questão do feminino e masculino, onde estão inter-relacionadas, nessa situação, as mulheres são diferentes dos homens. (SAFFIOTI, 2015, p.126). De acordo com Saffioti (apud JOHNSON, 2015), Johnson foi bastante feliz na questão do patriarcado, se fundamentar no comando do medo, atitude e no sentimento que se constitui num círculo bem mas vicioso. E também há muito tempo atrás declarou que os homens ignoravam, e ainda ignoram, supremo valor, desse aspecto não vem ao caso que o homem ou a mulher seja um melhor do que outro, mas eles sempre fazem disputas pelo poder, qual seja e os homens mostram a sua agressividade em uma agressão mais frequente que as mulheres.

4.2 Mulher e violência: Lei Maria da Penha

Na violência doméstica também existem vários pontos de sobreposição com a questão familiar, que não é somente a mulher do agressor que sofrer violência, também sofre a pessoa sendo ela da família ou não, exemplo: alguma pessoa que presta serviço a família.” A expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e, não raramente, de violência de gênero”. (SAFFIOTI, 2015, p. 82)

Os agressores não agrediram a mulher somente na sua própria casa, muitas vezes o marido vai até no serviço da sua mulher e fica esperando ela do lado de fora do serviço para quando ela sair, ele começar com as ofensas, com múltiplos palavrões na frente de seus próprios colegas (os) de serviços. Algumas mulheres tendem a sofrer caladas por sentirem medo e vergonha das pessoas e sobre o que elas vão pensar.

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que isto ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Mesmo quando permanecem na relação por décadas, as mulheres reagem à violência, variando muito as estratégias. (SAFFIOTI, p. 2015, 85).

Existem muitos documentários com mulheres na qual já sofreram violência ou que já presenciou alguma agressão, onde o homem as vezes é muito desumano ou cruel com essa questão da violência doméstica e na maioria das vezes as mulheres reagem, mas sempre ela sai violentada porque a vítima não tem força física suficiente para se defender de seus companheiros. A mulher além de sofrer maus-tratos, ela termina sendo morta por seu marido por não poder-se defender ou ser ajudada por alguma pessoa que já sabia do que estava acontecendo, porém não quis se meter em brigas de casal. Tem um ditado que diz “briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. Mas esse ditado tem que acabar por causa da segurança da vítima, temos sim o direito de meter a colher nas brigas de marido e mulher.

Nessa questão de briga de marido e mulher nós temos que meter a colher sim, principalmente quando se trata de assassinato, podemos dizer que meter a colher nesse caso, não estamos invadindo a privacidade do casal e sim garantindo padrões morais e éticos. Já tem código penal e lei para o agressor que chegar a fazer homicídio e essa lei tem que ser cumprida e não ficar somente no papel.

Mulheres são mortas pelo fato de ser mulher. A violência doméstica é sim um assunto de todos e todas. A Lei Maria da Penha de nº 11.340/2006 faz referência a violência doméstica:

Qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I- No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II- No âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III- Em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convívio com a ofendida, independentemente de coabitação (BRASIL, Art, 2006).

Tem vários artigos que fala sobre essa questão da violência doméstica, na maioria das vezes as mulheres não sabem para que serve a lei Maria da Penha, nem ao menos a conhece.

A Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha³, ganhou o nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que lutou para ver seu agressor preso.

³ Maria da Penha é biofarmacêutica cearense, na qual ela foi casada com um professor chamado universitário Marcos Antonio HerrediaViveros. No ano de 1983 ela sofreu sua primeira tentativa de um assassinato, ela levou um tiro bem nas costas quando dormia, o agressor foi encontrado na cozinha, gritando por socorro, onde ele dizia que tinha sido atacado por alguns assaltantes. Mas quem saiu ferida nessa história foi Maria da Penha Maia Fernandes, ficou paraplégica e teve segunda tentativa de homicídio na qual aconteceu nos meses em seguida, no

Muitos anos de lutas, mais conseguiu contribuir para a criação da lei que defenda as mulheres de seus maridos ou companheiros. A lei ao longo desses anos tem contribuído na sua forma jurídica, salvar muitas vítimas de violência doméstica.

Mas às vezes a lei faz com que o agressor seja preso dois (2) ou três (3) meses de prisão, paga apenas uma cesta básica ou multas, como que isso se resolvesse as agressões e as ameaças na qual a vítima sofreu por um bom tempo.

Temos um grande exemplo na nossa sociedade que é da história de Maria da Penha Maia Fernandes, onde essa mulher sofreu violência não somente uma vez, que ela poderia ter até morrido pelas mãos do seu marido, como podemos ver essa história que realmente foi na vida real e o que aconteceu com ela poderia ter acontecido não somente a ela e sim a outras mulheres. Com essa história algumas mulheres que sofrem violência podem até ter mais coragem de ir numa delegacia e denunciar seu companheiro porque elas sabem que com essa lei elas estão mais seguras.

A lei foi criada para os agressores ficarem distantes das vítimas, sendo que na maioria das vezes o agressor recebe uma carta de intimação para que ele compareça na delegacia para dar seu depoimento, mas quando o agressor chega à delegacia ele ainda se faz de vítima dizendo que não fez nada com a vítima, sendo que a mulher o denunciou por causa das suas agressões dentro de sua resistência, e ainda o agressor tenta de todo jeito se defender, mas ele sempre dar um vacilo, onde ele muitas vezes chega até dizer sem querer que violentou a sua esposa, mas foi por causa que ela provocou e com isso ele chegou até seu limite. Nesse caso o agressor tem cumprir a lei de ficar tantos metros de distância da vítima.

Às vezes o agressor fica preso por dois ou três meses ou então ele paga cestas básicas por uns alguns meses, sendo que isso não resolve, diante da violência sofrida pela mulher. A violência deixa muitas marcas pelo corpo, espancamentos e palavrões, são agressões que ela nunca vai esquecer porque quem sofre violência sabe o quanto é sofrido para ela. Sobre o femicídio, Saffioti, destaca que:

O femicídio cometido por parceiro acontece, numerosas vezes, sem premeditação, diferentemente do homicídio nas mesmas circunstâncias. Além dos maus-tratos, a punição é maior em virtude de menor força física da mulher, que exige o

qual seu marido Viveros a empurrou da cadeira de roda e ainda tentou eletrocutá-la no chuveiro. Setembro teve seu primeiro julgamento onde só aconteceu a 8 anos depois do crime, 1991 os advogados de Viveros conseguiram anular o seu julgamento por algum tempo mas, no ano de 1996 para surpresa de Viveros ele foi julgado, culpado e condenado a dez anos de cadeia. E só no ano 2002 que Viveros veio foi preso, mas ele só cumpriu apenas dois anos de prisão.

planejamento do homicídio. Para quem define a violência doméstica em termos do estabelecimento de um domínio sobre seres humanos situados no território[...]. (SAFFIOTI, 2015, pag.83).

A violência doméstica causa a morte. Nos casos de homens que chegam à sua casa com consumo de álcool ou droga, alterados, descontrolados e agressivos, provocando danos físicos e morais com a mulher, no qual a agredida sem entender o que ela realmente passa, sofre calada, ou adere à violência para se defender.

O número que podem salvar milhares de mulheres é 180, qualquer pessoa pode fazer a denúncia seja qual for o horário porque trabalham 7(sete) dias por semana e a 24 horas por dia. Quem ligar para esse tipo de serviço pode ficar tranquilo porque é uma ligação confidencial, para que não tenha nenhum problema com a pessoa que fez a denúncia. Por isso, qualquer pessoa pode ligar que não será prejudicado, se alguma pessoa tiver conhecimento de mulheres sofrendo violência doméstica pode ligar que a autoridade vai realizar o procedimento para proteção da vítima.

5 HISTÓRIA DE VIDAS: MEMÓRIAS DE DRAMAS E VIOLÊNCIAS

O objetivo deste capítulo é analisar sobre a violência doméstica sofrida pelas mulheres da comunidade Ribeirão Grande Pedro Isaias II. Partindo da premissa que os acontecimentos que existem em lugares da memória, lugares ligados a uma determinada lembrança no tempo cronológico de identificação com o passado, também são entendidas como pertença individual. Quando as mulheres relatam suas experiências de vida e que nela está contida a violência sofrida, resgata os acontecimentos, os personagens e os lugares na sua memória. (MEDEIROS, SOUZA, 2017). Aqui a memória, pode ser considerada individual

Minha vida foi um pouco sofrida, porque casei muito cedo, tive filhos cedo, sofri na vida um pouquinho pra poder apreender, mas hoje eu vivo bem graças a Deus não tenho que reclamar, mas sofri muito trabalhei muito na roça desde criança trabalhei na roça mas eu não me arrependo mas eu sou uma mulher feliz eu me considero feliz tenho muitos amigos que gostam de mim pessoas que me consideram eu, não tenho que reclama não, dificuldades tive sim pelo fato de ter La muito cedo passei uma dificuldades sim, criei elas praticamente sozinha porque o marido mim largou e eu fiquei sozinha com duas crianças pequenas então eu tive dificuldade sim mas com o tempo fui vencendo. (Entrevistada, 31 anos, 2018).

A entrevistada, relata que sua história de vida⁴, não foi fácil, “*Foi onde que sofri demais, apanhei demais, e eu pensei que tinha superado, mas eu não superei não porque [lágrimas], eu não vou conseguir falar não [pausa], eu casei pensando que era uma coisa, porque tudo que mas queria era sair de casa, e eu fui pensando que era uma coisa, mas não era*”.

Para Souza (2006, p. 27), o uso do termo História de vida tem sua correspondência a uma denominação genérica em formação e investigação, isso porque:

[...] se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos.

A partir da perspectiva que Souza (2006), chama atenção, podemos analisar a voz da entrevistada como matriz singular de um enredo, envolvido por teias de violência, que esta

⁴ História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma cultura. (QUEIROZ, 1988, p. 19).

mulher é submetida, sendo atingida na sua subjetividade e, especialmente na sua singularidade.

No começo foi uma maravilha, era tudo bom para lá, tudo de bom para cá, e depois começou aparecer as brigas e os tapas, aí ele vem com ameaças para mim, aí apontou a faca para mim e eu fiquei calada aguentando, também ele me ameaçava e dizia que ia me matar e eu nunca contava para ninguém, ficava calada, para mim mesmo, aí chegou um certo ponto que eu não aguentei mais e decidi vim embora. Quando vim embora ele pegou o facão pra mim matar e ele disse se eu saísse de casa ele mim mataria. Fiquei com medo e eu continuei lá, sendo ameaçada. Mais quando ele saiu para casa da mãe dele eu peguei, arrumei minhas coisas e eu liguei pra mãe vim mim buscar. Quando chegou ele trancou as portas e queria tocar fogo no boião de gás pra explodir e aí eu comecei a gritar chorando, a mãe dele veio pra, mim ajudar, ela veio tentando abrir as portas e ele não queria abrir a porta. Mas, com muita luta eu consegui pegar a chave dele e eu conseguir sair chorando e ele querendo explodir o boião de gás lá dentro e o pai dele gritando pra ele parar com aquilo não sei o que. Até com muita luta ele se acalmou e saiu pra dentro do mato querendo se matar e eu fiquei com medo dele se matar. Porque eu ia carregar essa culpa, porque ele falava se ele se matasse eu seria a culpada, não fiz nada, aí ele ficava passando na minha cara se eu largasse ele, ia se matar. Aí eu sempre fiquei um (01) ano e seis (6) meses com ele por causa dessa chantagem dele, dizendo se eu largasse ele, ia me matar. Por isso que eu não largava ele. Até que eu criei coragem porque eu tava aqui perto do meu povo. Mesmo assim, depois disso ele continuou, começando vindo aqui com faca, aí eu peguei fui na delegacia fiz um boletim de ocorrência (BO) dele e pedi pra ele se afastar de mim 100 metros, eles deram a ocorrência pra ele e até agora tá tudo normal. (Entrevistada 3, 24 anos, 2018).

As narrativas construídas a partir das entrevistas realizadas com as mulheres sob forma de história de vida, possibilitou ampliar as reflexões sobre o enredo de violência sofrido por mulheres em suas mais diferentes idades. Evidenciam que as narrativas das histórias de vida são produzidas por mulheres da comunidade estudada em suas mais variadas dimensões.

Não, ele só me ameaçava e pegava na garganta mas não chegava a me enfocar muito a chegar ficar sem fôlego eu tentava reagir mas eu não conseguia porque mulher nenhuma tem força pra homem. Voltei com pena dele, ele disse que ia mudar que não ia fazer mas isso não ia mas aquilo e tal e eu acreditei nele e quebrei a cara de novo, ele veio aqui e conversou com a mãe aí veio morar aqui ali, ia por serviço e quando chegava ele dizia que eu tava traindo ele e se ele pegasse com fulano de tal ia me matar e vivia me ameaçando e eu não podia sair de casa que ia atrás de mim. Quer saber eu não quero isso pra minha vida, eu quero é paz, cansei. (Entrevistada 6, 49 anos, 2018).

A Lei Maria da Penha, traz no seu artigo que a violência física é representada por qualquer ato que prejudique a saúde ou a integridade do corpo da mulher. É praticada com o uso da força física, não acidental, que causa lesão à vítima, podendo incluir o uso de armas. São tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, estrangulamento, lesões por armas ou objetos, exigência de ingestão de medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimentos. (BRASIL, 2010, p. 20). Nesse sentido, a violência sofrida pela mulher entrevistada tem um caráter de violência doméstica.

Outra entrevistada, com curso superior completo, casou-se em 1997, vive a 11 anos na comunidade, trabalha e relata que sofreu violência: *“Eu casei em 1997, ai eu vim para cá (comunidade) ai tô aqui morando. Até hoje aqui”*.

Ah no início do casamento eu sempre, alias de vez enquanto a gente briga e discute assim, mas chegar bater e a mi agredir fisicamente não, mas agressão verbal isso sempre tem, porque a gente sempre discute e uma hora ou outra está discutindo. Então, sempre tá tendo essa violência, que é emocional e verbal, mas física mesmo não, mas chegar me agredir fisicamente e bater isso nunca não, mas violência verbal sim, de vez enquanto a gente discuti e acaba um agredindo ao outro é verbalmente, mas não só por minha parte, mas também chego agredir verbalmente. (Entrevistada, 4, 40 anos, 2018).

A Lei Maria da Penha tem que ser cumprida e não ficar somente no papel, para que possa salvar e proteger vidas de mulheres que sofrem violência, sejam qual for ela. Em relação às mulheres do campo, estas não possuem um canal de atendimento nos seus povoados, pois vivem afastadas da cidade onde está localizada a delegacia. Embora, em alguns casos, tendo acesso ao telefone podem ligar que serão atendidas em suas casas. O que ocorre é que até o atendimento chegar, o agressor já evadiu-se. Diferentemente das mulheres da cidade, que têm uma delegacia da mulher que pode recebê-las, mesmo não sendo das melhores formas o acolhimento.

É parte do programa ‘Mulher, Viver sem Violência’ do governo federal, lançado em março de 2013, com o objetivo de cobrir o país com serviços públicos integrados, inclusive nas áreas rurais. Em março de 2014, o Ligue 180 transformou-se em disque-denúncia, com capacidade de envio de denúncias para as Secretarias de Segurança Pública com cópia para o Ministério Público de cada estado. Além disso, existem Núcleos da Mulher nas Defensorias Públicas na maior parte dos estados, assim como Promotorias Especializadas e Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. (Lei Maria da Penha, 2010, p.28)

Em geral as mulheres só denunciam a violência quando tem algum apoio de um vizinho ou de um familiar, com isso pode se sentir mais segura com alguém do seu lado lhe apoiando. Não é fácil uma mulher que já foi agredida de várias formas: como socos, ponta pé ou com algum tipo de objeto, chegar a denunciar seu próprio marido porque, ele poderia querer se vingar de alguma forma, mesmo ela sendo protegida pela a Lei Maria da Penha.

Contudo, essa lei é para defender as mulheres que são agredidas por homens que não respeitam suas próprias companheiras. A violência não se constitui somente em agressões. A Lei Maria da Penha elenca como violência: a física, psicológica, patrimonial, moral e a violência sexual. Esses tipos de violências têm seus significados e uma grande finalidade para que possa ter uma punição para os que pratiquem esses atos de violências contra a mulher.

Abaixo, destacamos o significado de cada tipo de violência, aportada pela Lei Maria da Penha N. 11340, (BRASIL, 2010):

A violência física é aquela que acontece quando o companheiro bate, dá socos ou espanca com algum objeto, que muitas vezes termina em morte esse tipo de violência;

A violência psicológica é aquela que abala o psicológico de uma mulher criando uma grande dificuldade para agir, e causando medo, e na maioria das vezes o isolamento da sociedade e assim acaba diminuindo sua autoestima;

A violência patrimonial ocorre quando o agressor retém, subtrai, parcial ou totalmente, destrói os bens pessoais da vítima, seus instrumentos de trabalho, documentos e valores, como joias, roupas, veículos, dinheiro, a residência onde vive e até mesmo animais de estimação. Também se configura quando o agressor deixa de pagar a pensão alimentícia ou de participar nos gastos básicos para a sobrevivência do núcleo familiar, quando usa recursos econômicos da idosa, tutelada ou incapaz, destituindo-a de gerir seus próprios recursos e deixando-a sem provimentos e cuidados.

A violência *moral* ocorre quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação, ou injúria, ocorre quando o agressor ofende a dignidade da mulher.

A violência sexual geralmente é aquela que acontece quando o homem força ou ameaça a mulher ter relação sexual sem que ela queira e com isso pode trazer uma gravidez não desejada, e a mulher acabar fazendo um aborto. (BRASIL, 2015. p. 22 e 23).

Esses tipos de violências que foram citadas acima se constituem em tipos de violências sofridas pelas mulheres, que em geral sofrem caladas ou até mesmo por não denunciarem seu marido agressor.

Outro ponto da pesquisa é sobre a legislação de atendimento à mulher. Perguntada sobre se conhecem alguma lei que ampara as mulheres as respostas apontam que:

Sim, lei Maria da Penha mas infelizmente ela só existe no papel, porque hoje acredito ter mais, violência do que antigamente porque as mulheres continuam morrendo de maneira tão banal nas mãos dos homens e ela não resolve. (Entrevistada, 8, 51 anos).

Não conheço, não. Nunca ouvi falar. Aqui no campo é tudo muito distante e nós não sabemos das coisas direito. Por isso acho que os homens agredem e fica por isso mesmo. Porque tem certeza que vão ficar impune. (Entrevistada, 7, 59 anos).

A maioria dos casos de violência doméstica acontece na sua própria casa, como uma entrevistada relata no seu próprio depoimento: “a violência familiar pode ocorrer no interior do domicílio ou fora dele, embora seja mais frequente o primeiro caso. A violência intrafamiliar extrapola os limites do domicílio” (SAFFIOTI, 2001, p. 83).

Nesse caso tem o número 180 onde ela pode encontrar pessoas que vão ajudar ela nesse caso que ela tá precisando de segurança por causa o que a vítima relatou no seu

depoimento a cima é muito grave porque isto poderia até a causa não somente uma morte e sim duas, a dela e da filhinha, que correu risco de ter morrido.

Ah no início do casamento eu sempre, alias de vez enquanto agente briga e discute assim, mas chegar bater e a mim agredir fisicamente não mas agressão verbal isso sempre tem porque a gente sempre discuti e uma hora outra esta discutindo então sempre tá tendo essa violência é é emocional e verbal mas física mesmo não, mas chegar me agredir fisicamente e bater isso nunca não, mas violência verbal sim de vez enquanto agente discuti e acabar um agredindo ao outro é é verbalmente mas não só por minha parte mas também chego agredir verbalmente (Entrevistada, 40 anos, 2018)

Aqui nessa entrevista comenta que no começo do seu casamento já teve violência sim, mas não física e sim a violência verbal que aquela que são com palavras que um falo para o outro, porque sempre tem disse entendimento entre um casal, mas bater e agredir isso ela confirma que isso nunca aconteceu a ela não. “A violência, qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. (SAFFIOTI, 2001, p. 84)

A violência foi isso na faculdade onde eu não poderia pagar não tinha condição de pagar e eles me pressionavam para mim tira e eu acho assim quando você quer você tem que ter oportunidade e eu não tava pedindo de graça eu só não tinha no momento como pagar e eu questionava e eles jogavam mas como eu comentei ai não é filantrópica e isso é da grande violência que ser humano pode sofrer. (Entrevistada, 59 anos, 2018).

Nesta entrevista a entrevistada diz que eles queriam dar uma oportunidade dela estudar só por causa que ela não tinha dinheiro naquele momento para poder pagar, por isso ela não poderia ficar ali, queriam porque queria que ela saísse daquela instituição, mas ela lutou para que eles deixassem ela terminar o que ela queria estudar. “A rigor, não se pode, de nenhuma forma, educar a geração imatura fora do esquema de gênero. O que se pode fazer é educar os mais jovens segundo uma matriz alternativa de gênero”. (SAFFIOTI, 2001, p.123).

[...] minha mãe por sei lá, medo do meu pai colocar a culpa nela, pediu para sair de casa e eu até entendo ela porque antigamente as pessoa muito como se falar meu Deus sei lá essa que pessoa rancorosa, os pais sempre acha que a mãe que é culpada que acontece com os filhos, então ela pediu para mim sair de casa parar ir para casa da minha Irmã, então eu dou graças a Deus por ter três (03) irmãs, que foi fundamental na minha vida [...]. (Entrevistada, 51 anos, 2018)

A expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e, não raramente, de violência de gênero” (SAFFIOTI, 2001, p. 82). Quem sofre violência não vai sair falando para qualquer pessoa, por que pode estar correndo risco de vida. A vítima, segundo, algumas entrevistadas, não tenta procurar pessoas mais próxima possível para contar o que ela passa na casa com seu companheiro, isso porque quem sofre é quem sabe o que passa consigo mesmo. A vítima fica abatida, preocupada, com medo do seu

agressor a agredir novamente. As mulheres do campo, muitas vezes, não denuncia por não ter um telefone perto, por que não pega celular, então ela não chega a denunciar por medo de morrer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa apontou que as mulheres do povoado Ribeirão Grande Pedro Isaías II sofrem violência doméstica. E, que a maioria não denuncia seus agressores, seja por medo ou por subordinação, que neste caso se constituem como força do patriarcado, característica da região onde se localiza a comunidade. Outrossim, percebemos que a lei Maria da Penha, criada para proteger as mulheres em situação de violência, não é cumprida.

As entrevistas que realizei com as mulheres que sofreram algum tipo de violência na comunidade foi bastante difícil, isso porque falar desse assunto para outra pessoa é complicado. Relatar o que já passou na vida é sofrer novamente. Sofrer violência para as mulheres que acompanhei no percurso da pesquisa é difícil, pois as marcas são deixadas nos corpos, que exprimem medo, emoções, tristezas e pânico.

Nesse sentido, as resistências das mulheres nas diversas formas de manifestações, como alternativas para combater o patriarcado, a opressão e a violência sofrida, deve se constituir na principal dinâmica de luta.

Portanto, através das histórias de vida de mulheres que desejam uma sociedade livre de opressão, exploração e violência que se verifica a potencialidade de mudanças no cenário de enfrentamento à violência de qualquer natureza. Seja qual for a natureza da violência sofrida pela mulher trata-se de uma situação de dor e de tragédia que é difícil superar. Entretanto, a luta e as resistências contra o patriarcado há que se vencer!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rejane C. Medeiros; Souza, Murilo Mendonça Oliveira de. A nova cartografia social como instrumento de resistência: reflexões sobre a história de vida dos camponeses e camponesas na Luta pela Terra – MST/Goiás. *Revista campo e território*, 2017.
- BRASIL. 2010. Lei Maria da Penha. N. 11340. Disponível em: https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Direito/lei_maria_penha.pdf., Acesso em 07/11/2018.
- IBGE. Dados geográficos Tocantins: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 14/04/2019.
- GUEDES, Brena Kécia; GOMES, Flâmela Kevylla. 2014. **Violência contra a mulher**. Disponível em: <http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vo17-1-2014/artigo>.
- JUSBRASIL. Violência contra a mulher-legislação e internacional. Disponível em: <https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121937941/violencia-contra-amulher-legislacao-nacional-e-internacional>. Acesso em 15/04/2018
- QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14- 43.
- SAFFIOT, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Paulo Popular: fundação Perseu Abramo, 2015.
- _____(2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, 16,115-136.
- _____(1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em Perspectiva 13 (4) p.82-9. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO. Acesso em 15/11/2018
- SCOTT, JOAN. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine 2Rufino Dalat, Maria Betânia, Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 15/04/2018.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. v.25, n. 11, p.22 a 39, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em 12/06/2018.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1ª Idade

2ª Onde nasceu

3ª Escolaridade. Se estudou.

4ª Quando casou-se. Se casou.

5ª Quantos filhos. Se teve filho.

6ª Quantos anos mora na comunidade

7ª Trabalhar? Onde? O que faz?

Entrevistas

1ª Conte-me sobre sua historia de vida?

2ª Você sofreu ou sofre violência? Que tipo? Conte-me algum fato marcante sobre a violência sofrida?

3ª Conhece alguma lei que aparam a mulher?